



Metodologia científica e métodos e técnicas de pesquisa na sociologia: modelos de construção em estudo sobre ONGs

Scientific methodology and methods and techniques on sociology research: construction models on NGOs studies

Marina Félix de Melo

Resumo.

O presente texto trata sobre possibilidades metodológicas no campo da sociologia. Tomamos como exemplo empírico o recorte metodológico de um estudo sobre a Profissionalização nas Organizações Não-Governamentais na discussão da metodologia científica, bem como sobre a aplicação de métodos e técnicas de pesquisa. As páginas seguintes percorrem algumas das posições e dilemas que se colocam os cientistas sociais sobre modelos de construção acadêmicos possíveis, a ilustrar ferramentas de pesquisa como parte do trabalho empírico, especialmente, aqueles apoiados na perspectiva qualitativa de análise social.

Palabras clave: Metodologia Científica; Métodos e técnicas de pesquisa; Sociologia; ONGs.

Abstract.

This paper aims to consider methodological possibilities in the sociological studies. We refer to an empirical methodological approach, used in a study on the Professionalization in Non-Governmental Organizations, as an example of the application of research methods and techniques. The following pages present a review of some positions and dilemmas that social scientists deal with possible models of academic construction, it allows us to clarify how the tools of research are part of the empirical work, especially those supported on the qualitative perspective of social analysis.

Keywords: Scientific Methodology, Methods and techniques of research, Sociology; NGOs.

1. Apresentação

O artigo seguinte tem como fio condutor, primeiramente, uma justificativa sociológica acerca do emprego de determinadas metodologias de trabalho no campo das ciências sociais, a refletir sobre os encaminhamentos mais gerais da disciplina, assim como das encruzilhadas teóricas deparadas face o objeto de estudo das ONGs. Iniciamos por delimitar o campo empírico da profissionalização de instituições do terceiro setor, em uma espécie de caracterização do objeto, e do problema de pesquisa, sob uma perspectiva mais específica. Adiante, tratamos sobre os momentos de recusa e da tomada de decisões metodológicas de pesquisadores diante dos problemas investigativos mais gerais que lhes podem enfrentar. Neste aspecto, observamos as ciências sociais dentro de um corpo teórico não homogêneo, alimentada por perspectivas múltiplas que nos fizeram escolher, dentre uma gama de possibilidades, o recorte teórico da sociologia das organizações no tratamento de um trabalho sobre o terceiro setor no Brasil e em Portugal. A seguir, dedicamo-nos às técnicas de análise, a justificar a aplicação da análise de conteúdo, bem como seus seguintes instrumentos de recolha sob um tratamento de informações que envolve os processos de codificação, categorização e inferência. Por fim, apresentamos ao leitor os resultados alcançados por esta metodologia aplicada na investigação sobre a profissionalização do terceiro setor.

Inspiramo-nos no caminho percorrido para a elaboração da tese de doutoramento “Profissionalização nas Organizações Não-Governamentais” (2013), em que estudamos as consequências da profissionalização institucional das ONGs atualmente. A referida tese realizou-se em regime de co-tutela entre a Universidade Federal de Pernambuco, no Brasil, e a Universidade do Minho, em Portugal, e teve, a partir do paradigma qualitativo de análise e do instrumento da análise de conteúdo, um campo empírico em ambos terrenos. Posto que a escolha dos métodos e técnicas de pesquisa e da metodologia científica de trabalho compõe alternativas formatadas, mas que realçam modelos criativos dos pesquisadores, nos propomos à discussão destas esferas a partir de nossas experiências de planejamento de campo, características de uma trajetória teoricamente embasada na sociologia das organizações.

Investigamos as *consequências do atual fluxo de profissionalização institucional das ONGs*. Profissionalização aqui diz respeito, sumariamente, a estratégias de planejamento e especialização. Em cumprimento a nossa questão de partida, analisamos aspectos como: divisão de trabalho; existência de diferentes tipos de ONGs; visão dos agentes que nas instituições trabalham diante do atual fluxo de profissionalização; missão das organizações face exigências de profissionalização por parte dos órgãos financiadores; relação entre a missão e a sustentabilidade financeira das entidades; bem como a relação que as ONGs têm com o Estado, com o Mercado e com o próprio terceiro setor, a considerar a extensão interveniente que diz respeito à questão da autonomia das instituições. Propusemos uma investigação –com subsídios comparativos– no Brasil e em Portugal por considerar, via estudos preliminares e exploratórios, que as questões pertinentes à profissionalização institucional ocorriam nos dois países, ainda que de maneiras e escalas distintas. Como já mencionado, a pesquisa apoiou-se na Sociologia das Organizações, bem como adotamos métodos e técnicas de trabalho numa perspectiva qualitativa, por estudos de caso em quatro organizações, que utilizou a análise de conteúdo no tratamento das informações. O trabalho revela como e por que ONGs que não se adequam minimamente às exigências de profissionalização esmaecem diante das fontes de financiamento. A busca por sustentabilidade e, conseqüentemente, por complexidade organizacional dentro de alguns perfis de ONGs no trabalho discutidos, gera um ciclo de problemas que só podem ser solucionados com mais profissionalização. Concatenada a este cenário, a agência do terceiro setor apresenta-se relativamente frágil ao processo amplo de profissionalização, habitando uma “nuvem” de insegurança sobre a missão institucional para a qual se dedica.

2. A justificativa metodológica na sociologia contemporânea

Ao refletirmos sobre a trajetória que nos levou a determinado problema sociológico, pensamos sobre o porquê de estudarmos certos temas e não outros, de destacar da realidade aspectos que consideramos pertinentes à sociologia contemporânea. Posta essa situação

notamos que, sob um plano mais particular, é necessário que tomemos decisões –de cunhos ontológico, metodológico, epistemológico, de métodos e técnicas de pesquisa– e essas, dentro da sociologia, são guiadas pelo constante retorno às nossas justificativas, do porquê em considerarmos que a pergunta de partida utilizada fornecerá apontamentos, pistas, interessantes à sociologia contemporânea.

Embora muitos temas tratados pela sociologia contemporânea tenham por base problemas anteriores à própria formatação da sociologia, os desenhos contextuais modificam as estruturas e as ferramentas com as quais o sociólogo pode trabalhar. Ao estudarmos as ONGs, ao fim e ao cabo, lidamos com problemas anteriores ao surgimento dessas instituições mas que somente agora podem ser problematizados nas inclinações contextuais que notamos como mais adequadas sob a perspectiva sociológica contemporânea. Em nossa monografia de graduação no curso de ciências sociais, buscamos perceber *como* se dava a profissionalização das ONGs; no mestrado, que investigou a missão dessas entidades face a tal processo de profissionalização, buscamos analisar o *porquê* do aumento desse fluxo no terceiro setor. No doutoramento, objetivamos investigar as *conseqüências* desse processo dentro do próprio Setor, o que nos levou ao objetivo geral da investigação de *analisar as conseqüências do atual fluxo de profissionalização institucional nas ONGs*. Para isso, estudamos quais são as perspectivas que os agentes das ONGs e seus financiadores têm sobre o atual processo de profissionalização; como se constroem as divisões de trabalho, a especialização e a busca por profissionalização dentro de diferentes tipos de ONGs; como ocorre a sustentabilidade das entidades; suas relações com Estado e Mercado; como é articulada a noção de autonomia nesse universo, etc. Em linhas gerais, as dimensões analíticas de tal tipologia são:

Percurso escolar e grau de escolaridade dos agentes que na organização trabalham. Sobre isso, trabalhamos com a hipótese de que quanto maior o grau de escolaridade e quanto mais complexo (criativo, valorizado, incentivado) for este percurso por parte dos agentes, maior a tendência para o ensejo de uma complexa profissionalização nas ONGs partindo do ponto em que os profissionais que nas entidades estão tendem a levar competências adquiridas ao longo de suas formações para as instituições na constante busca de melhorias para a gestão das associações, o que é transversal a uma estrutura de dimensão profissional consoante à caracterização do perfil profissional.

Nível de especialização nas atividades desenvolvidas. Aqui falamos nomeadamente sobre a percepção das esferas micro e macro dentro de uma ONG. A busca por especialização é um tema que diz respeito aos três setores da sociedade e que ganha fôlego com as atuais maneiras de produção do Mercado, a exemplo de fábricas que preparam peças singulares que, à frente, são montadas a outras e transformam-se em produtos finais. A especialização também está forçosamente marcada nas ciências naturais e da saúde, ao que temos uma gama de médicos especialistas em determinados tópicos sobre os quais, e apenas, respondem. Este fluxo tem se encaixado na lógica do Terceiro Setor, sobretudo, quando visto-o diante das necessidades de sustentabilidade, em que precisam articular a gestão por lógicas restritivas e pontuais de avaliação dos projetos em questão ou mesmo da própria entidade.

Divisão de tarefas administrativas. Esta dimensão é decorrente da anterior certa vez que a especialização diz respeito, também, à divisão do trabalho nas instituições, do “quem faz o quê” e sob que concentração de tarefas. A isso, trazemos à análise os aspectos da horizontalização e verticalização das funções, bem como de suas relações. Partimos do pressuposto de que a complexa profissionalização institucional de ONGs é positivamente associada a relações de trabalho mais horizontalizadas internamente, o que, como apontado, não é o oposto de especialização, no que é possível que uma organização seja altamente especializada e com funções bem distribuídas entre os agentes.

Capacidade de articulação em redes de cooperação. Aqui versamos sobre a possibilidade que as organizações têm em articular-se com as demais, isto é, da capacidade de formação de redes e posterior inserção. Estas também podem envolver atores do Mercado e do Estado, todavia, o que salientamos por hora é a articulação do terceiro setor com ele próprio pois, daí, nota-se a circulação de informações e conhecimentos do Setor para si.

Estratégias e planejamento. Uma das principais características das ONGs com complexa profissionalização institucional. As estratégias são, grosso modo, maneiras de garantir a sustentabilidade das entidades em todas as possibilidades administrativas, sejam elas de sustentabilidade financeira ou não, visto que não só de recursos orçamentários vivem as organizações, podendo nelas haver problemas de gerência tais como formação de equipes, decisões sobre as atividades desempenhadas etc.

Estas dimensões analíticas não são excludentes, tampouco exaustivas, certa vez que podem haver outras dimensões transversais a essas que entrem na análise do que venha a ser uma ONG com complexa profissionalização institucional, bem como algumas dessas não apresentar-se como relevante face ao conjunto de características com que se encontra determinada instituição. O que há aqui de fato são tendências que, como um modelo típico ideal, nos possibilita lidar com as nuances de nosso objeto de análise mediante os objetivos tencionados na investigação. Assim, o que propomos face esses pontos abordados é perceber como a profissionalização institucional articula-se diante de uma gama de possibilidades a que é submetida, isto é, não objetivamos preencher tais ou quais dimensões para dizer se uma ONG é ou não inserida num modelo de complexidade institucional, mas sim, localizar a forma como estas dimensões giram de acordo com as situações em que se encontram as associações, a exemplo de ser ou não influente nas redes sociais de terceiro setor em que se localizam.

A sociologia contemporânea circula por uma pluralidade de ênfases, abordagens, perspectivas ontológicas e epistemológicas e o crescimento numérico e diversificado do Terceiro Setor, em especial das ONGs, faz com que as pesquisas no campo das ciências sociais se voltem para uma tentativa de compreender e explicar esse fenômeno em expansão. A relevância de nossa investigação reside na possibilidade de trazer uma contribuição a esse debate mais geral, ao focalizarmos de modo específico as conseqüências desse processo. Apesar de vários estudos trabalharem a repercussão da profissionalização nessas organizações (Landim, 1993; Carvalho, 1999; Haddad, 2002; Lima, 2003; Costa, 2004), observamos que o aspecto da profissionalização, quando considerado juntamente à cultura organizacional das entidades e como estas lidam com as transformações, ainda não tem sido explorado de modo mais específico pela literatura sociológica sobre ONGs, embora alguns autores apontem para a importância da temática e forneçam subsídios para esse tipo de investigação.

Cabe salientar que embora a investigação não seja um estudo eminentemente comparativo, ela possui elementos comparativos entre Brasil e Portugal. Dentre as chaves analíticas que envolvem a pesquisa ao considerar Portugal (como perceber diferentes formas de atuação entre o terceiro setor e os demais, sobretudo, na relação das ONGs com o Estado), os elementos comparativos observados em campo, desde a pesquisa exploratória desenvolvida no País, propiciou-nos apreender um modelo de profissionalização mais homogêneo em Portugal do que no Brasil, este último aparentando ter um quadro mais complexo e variado de tipos de profissionalização. Nosso exercício aí implícito foi maximizar uma realidade diferente da nossa, latino-americana, para entender os contextos inseridos no campo brasileiro, isto é, abrir a análise para focos que não poderiam ser alcançados se nos centrássemos em realidades eminentemente locais.

Quanto à provável contribuição prática da pesquisa, notamos como essa não poderia ser imediata, dado que nosso trabalho não foi realizado no âmbito de uma ONG,¹ mas sim em um espaço acadêmico, sem influência direta sobre a prática de seus agentes. Não tratou-se de uma pesquisa-ação que visasse modificar as formas de ser, as atitudes, os propósitos e pensamentos dos indivíduos envolvidos em instituições pertencentes ao terceiro setor. Contudo, supomos que em longo prazo os resultados dessa pesquisa, se incorporados ao debate no interior acadêmico e das ONGs, podem provocar novas reflexões e inquietações entre seus agentes atuantes, bem como perspectivar, tencionar e propor conexões a estudos sociológicos sobre o terceiro setor.

¹ Embora façamos uso do recurso técnico de observação participativa em nosso trabalho de campo, é ponto comum tanto para nós como para os agentes das organizações que lá estamos como pesquisadores e não como ativistas. Não possuímos nenhum vínculo interventivo, político-institucional ou de outra ordem nas ONGs pesquisadas.

3. O momento de recusa e as dificuldades de decisão

Entendemos metodologia como uma atividade crítica que diz respeito às etapas da construção do conhecimento, pela qual se pode questionar, inclusive, o próprio cientificismo e a ideia de ciência. Diferentemente dos estudos de métodos e técnicas em ciências sociais (as ferramentas de como operar uma pesquisa), a metodologia se preocupa com os problemas arraigados nas teorias das quais fazemos uso. Dito de outra forma, toda teoria tem um modo próprio de constituir-se na medida em que considera alguns aspectos da realidade como reais. Ao refletirmos sobre a possibilidade de caminhos, notamos como devemos estudar as entradas de nosso objeto de estudo a partir de contextos. Antes de “o fazer”, “o definir”, nos cabe pensar em “como definir”, “como fazer”, a partir de onde. Que elementos distintivos temos em volta a uma problemática que nos servem como ferramentas de trabalho? Passemos brevemente às principais chaves-analíticas integrantes à investigação da profissionalização institucional das ONGs.

Nosso objetivo geral foi o de analisar as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional das ONGs para estas entidades. Para tal, passamos por chaves analíticas como a relação que o terceiro setor tem com o Estado e com o Mercado; a sustentabilidade dessa organização, na medida em que recebem recursos provenientes não apenas do Estado e do Mercado, mas também do próprio terceiro setor (via agências de cooperação internacionais); sua autonomia, já que depende desse sistema de relações anterior para funcionar; seu desenho organizacional, as divisões de trabalho e a especialização nas ONGs que nos levam a problematizar a profissionalização das entidades, de como operam nesse sentido, sob que estímulos, por quais razões e o que isso representa como consequências ao atual modelo de terceiro setor.

Nossa investigação deu-se nos quadros, sobretudo, da sociologia das organizações, sob forte inspiração da literatura produzida no Brasil e em Portugal a partir da década de 1990, quando do crescimento de discussões acadêmicas/políticas sobre o “boom” do terceiro setor. Essa literatura mais recente agrega desde textos produzidos pelo e para o terceiro setor, que nos serve como pontos de reflexão a análises documentais para o trabalho (do que tem sido lido pelos agentes do terceiro setor, lido é, discutido, articulado) a uma literatura, como dissemos, que também teve como suporte as preocupações centrais da sociologia das organizações e de suas mutações ao longo do tempo, do contexto e, mais especificamente, dos objetos com os quais trabalha. Salientamos que embora parte significativa da sociologia das organizações produzida, notadamente nos quadros acadêmicos portugueses, seja destinada às organizações privadas de Mercado, não nos prendemos a esse tipo de análise. Consideramos que não somente os conceitos centrais de organização, assim como o que fazemos com tais conceitos, como articulamos na tentativa de expressar um problema e trabalhar com este, são amplos e adequáveis aos mais variados padrões de organização, a exemplo das ONGs, que tampouco estão isoladas no terceiro setor mas que, pelo contrário, participam de modelos administrativos cada vez mais parecidos aos do mundo de Mercado, nomeadamente, quando tendem a possuir modelos de profissionalização mais complexos.

Diante do exposto, utilizamos a sociologia das organizações considerando sua trajetória clássica de Taylor e a questão científica, Fayol e a teoria geral da administração, bem como de Max Weber com sua teoria burocrática, pontos que foram reconsiderados a partir do contexto mais específico das organizações de terceiro setor atualmente. Quando retomamos a construção histórica da sociologia das organizações, não o fizemos apenas em função de se saber como a perspectiva avançou no campo de investigação sociológica ao longo dos anos, mas sim, para que a partir desse quadro pudéssemos qualificar nossa questão inicial do que é uma organização perante à problematização da presente investigação, diante dos quadros social e sociológico em que se apresentam as organizações consideradas na investigação como ONGs. Dito em outros termos, mais do que conceituar e definir, tal levantamento histórico terá como principal contribuição nos fazer partir de questões situadas em um debate sociológico mais amplo. Ademais, nessa preocupação em solidificarmos o terreno teórico de trabalho consoante à sociologia das organizações, consideramos ao longo da investigação autores como Hill e Egan (1967), Lakatos (1987), Bernoux (1998) e Krieger (2001).

Nessa problemática, selecionamos produções mais recentes, como mencionadas, para lidarmos com nossos objeto e problema de pesquisa. O principal exercício foi o de verificar em que

bases anteriores (a exemplo de que tipos de sociologia, que bases epistemológicas) esses autores trabalhavam, sobretudo, porque em algumas produções encontramos argumentações que são justificáveis por diferentes autores, a partir de pontos epistemológicos distintos, de acordo com a data e o contexto das escritas. A partir do número significativo de trabalhos relacionados a ONGs e ao fenômeno da profissionalização que encontramos ao longo da pesquisa, selecionamos os que mais se relacionavam não apenas à nossa problemática, mas também ao foco do estudo da profissionalização nas organizações, bem como os de foco mais abrangentes como de delimitação de objeto, a exemplo de Landim (2002), Falconer (1999), Costa (2004), Fernandes (1997), etc. Trabalhos que debatem e/ou contra-argumentam as noções gerais e conceituais desses autores citados, a exemplo do trabalho de Montañó (2002), que se apóia na tradição da sociologia marxista, também foram considerados ao longo da investigação, embora não respondam ao corpo teórico principal da investigação.

O que percebemos, de forma geral, foi que temos um quadro significativo de configurações organizacionais e, embora tenhamos diversas possibilidades de visualizar as organizações teoricamente, só utilizamos tais entradas na medida em que as possibilidades se colocam em diálogo com as dimensões analíticas a serem consideradas, o que não indica haver um caminho exato a ser seguido. Os recortes, os encaixes aqui tecidos, fazem parte do nosso modelo teórico, sobretudo, porque possibilitam imaginar as questões de pesquisa a partir destas e a trabalhar no campo do terceiro setor, principalmente, porque tratamos de um campo relativamente novo aos estudos sobre organizações.

Voltamos ao ponto de que a parte mais extensa de produção teórica sobre as organizações, nomeadamente no que se refere à gestão, é uma literatura atenta ao Mercado, o que nos limitou em dado nível, embora os elementos estratégicos de que dissertam estejam presentes nos três Setores. Se Bernoux (1998) fala de empresas automobilísticas, nós falamos de ONGs. Os elementos distintivos aqui presentes são recortados aos casos concretos de campo da mesma maneira que foram aos temas de sustentabilidade e autonomia, por exemplo, porque passamos por outro complexo de valores, expectativas, margens de manobras e possibilidades. Em síntese, o que propusemos para o andamento de nosso trabalho diante deste quadro foi uma espécie de diluição das percepções teóricas, justamente porque não nos convinha elencar inúmeros pressupostos teóricos mais fechados a casos de organizações que tampouco representavam parte de nosso objeto de estudo. Nessas possibilidades de trabalho, diante das contribuições e dos limites das teorias, notamos ainda mais o nosso problema de investigação sobre a profissionalização institucional do terceiro setor porque, como em todo processo, para este problema não existe uma teoria acabada, pronta a ser utilizada, mas encontramos pelo próprio terceiro setor elementos para lidar com os novos quadros de investigação que surgem a ele, principalmente, porque o Terceiro Setor é ligado aos demais (que também pressupõem organizações) em uma relação não exclusivista, haja vista as intercessões múltiplas nos diálogos entre os setores.

Se a sociologia das organizações compõe o tronco guia no entendimento das chaves-analíticas lançadas à investigação (sobretudo porque estudamos algo que lhe é bem direto: organizações) não é ela o único quadro de leitura possível. Outras teorias e vertentes sociológicas passam pela problematização tratada, todavia, pelas razões supracitadas de delimitação e fundamentação da abordagem, não permaneceram ao quadro teórico, ou nele atuam como coadjuvantes. Pensemos nesses casos:

Primeiro, a Sociologia das Profissões. Desde que iniciamos a investigação, em verdade ainda antes desse recorte apresentado, tendo em vista que estudamos as missões das ONGs em trabalhos anteriores a esse do doutorado, nos vinham perguntas de colegas e professores da sociologia como “seu trabalho é na sociologia das profissões?”. Essa pergunta, e a maneira como pudemos amadurecer a resposta negativa a tal, há tempo nos parece clássica. Se “clássica” nessa trajetória é porque tem uma fundamentação significativa para o ser. Ao estudarmos profissionalização de ONGs, muitos perguntavam se estudávamos a profissionalização das entidades ou dos agentes que delas fazem parte. Quiçá, se o estudo fosse focado apenas nessa segunda parte, na profissionalização dos agentes, mais justificável seria lidar com a vertente da sociologia das profissões, todavia, nosso objetivo é estudar as organizações em si, e como elas se movem diante do atual processo de profissionalização. Entretanto, não estamos a dizer que a

contribuição da sociologia das profissões ao quadro sociológico mais geral em que a investigação se localiza seja desconsiderada, porém, não poderíamos tê-la como marco teórico principal ao passo que trazemos a sociologia das organizações como um guia na medida em que nosso objetivo maior é localizado nas organizações. Sob outro ângulo, tendo em vista que embora os profissionais das entidades não sejam nosso objetivo geral, eles são parte dos objetivos específicos, pois, as organizações não funcionam sozinhas, são geridas por pessoas. Logo, não como um tronco do trabalho, mas como um de seus galhos, a sociologia das profissões nos serviu para problematizar esses profissionais, pensar em categorias de expressões marcadas como “grupos profissionais”, do profissional “ongueiro”, sobretudo, quando em campo lidamos diretamente com eles. Cabe salientar que o seguimento da sociologia das profissões ao que mais nos aproximamos nesse tratamento foi o de direcionamento francófono e não, necessariamente, anglo-saxão. Isso ocorreu na medida em que a sociologia das profissões tem sido repensada principalmente no contexto europeu quando, inclusive, a própria abrangência do termo “profissão” é estendida a de “ocupação”, dispensando a certificação universitária a qual por muito tempo foi taxada de limitada, dando origem a diversos trabalhos que fugiam à perspectiva da sociologia das ocupações. A “superação” de alguns desses limites da sociologia das profissões tem feito com que muitos estudos, a exemplo dos diversos núcleos de pesquisa sociológicos de universidades portuguesas, se utilizassem dessa vertente das profissões como marco teórico a investigações sobre organizações. Como exemplo, os trabalhos da Dra. Raquel Rego (2007) sobre dirigentes associativos, da Dra. Cristina Parente (2011) sobre “responsabilidade social no terceiro sector: do ideário às práticas de gestão de pessoas”, dentre outros.

Segundo, a Sociologia do Trabalho. Ligada a razões semelhantes às denotadas acima, quando imaginada a sociologia das profissões como guia para a pesquisa, a sociologia do trabalho não entrou como um guia principal à investigação, mas sim, como um aparato teórico acessado de acordo com os limites específicos sobre o trabalho dos profissionais dentro das organizações. Se o foco da problemática não é a profissão ou a ocupação que exercem os agentes das instituições, tampouco diz respeito, diretamente, ao trabalho destes nas ONGs. Todavia aqui, ainda mais do que quando não optamos pela sociologia das profissões como guia, não podemos dizer que o trabalho (e ainda menos as diferentes formas com que a sociologia do trabalho pode abordá-lo nessas entidades) não faz parte de nossa análise. Ao falarmos de profissionalização nas organizações, tratamos de um tipo ou outro de trabalho que gera, ou não, determinadas circunstâncias de profissionalização, consoante às relações de trabalho interno, às suas divisões, à maneira como as entidades constituem seus quadros hierárquicos, como são tratadas diariamente as resoluções de condução das ONGs etc. Embora a argumentação aqui se apresente como contraditória (seria ou não importante a sociologia do trabalho para essa investigação?), todavia, é nessa suposta contradição, ou antes, na percepção dessa contradição que nada mais é do que os pontos de eixo, de toque, entre os objetivos específicos e a reflexão sobre o objetivo geral (sobre as consequências da profissionalização nas entidades) que encontramos a necessidade de voltarmos à delimitação do que estudamos: as organizações. Entendemos que “o mundo do trabalho é apenas uma das dimensões de um amplo espectro de transformações radicais que afeta nossas vidas e que está a desafiar a nossa imaginação sociológica” (Sorj, 2000: 25). Consideramos as perspectivas de investigações recentes produzidas sobre o trabalho de ONGs e o trabalho em ONGs para acessar a profissionalização dessas entidades, todavia, a ponderar essa abordagem como complementar e contextual ao fio condutor de nossa pesquisa.

Em síntese, o que percebemos é que não poderíamos dar conta de um problema sociológico a partir de apenas uma ou outra teoria, tampouco que todas podem fazer parte de um cenário de discussões, afinal, se assim o fizéssemos, teríamos apenas um emaranhado de pensamentos vindos de reflexões diversas, de diferentes pontos e contextos epistemológicos, sobre um determinado objeto. Podemos sustentar que ao nosso problema convém uma luz maior à sociologia das organizações, onde há um campo de reflexão para tal problemática e por onde seguimos, todavia, embora explicado por que não se aplicam como tronco outras teorias, não queremos dizer que essas sejam falsas ou que não se conectem em nenhuma instância ao proposto pela investigação. A sociologia das profissões, por exemplo, não se ausentou por completo do contexto da pesquisa, tanto que, se totalmente isolada fosse, não seria elemento de inquietação aqui nessas páginas, tampouco seríamos questionados sobre seu uso. O que passa, especialmente, é que na sociologia não há como lançarmos sempre mão das vertentes teóricas

como se fossem elementos binários de “sim” ou “não”, de usar ou não uma determinada corrente. O que existe, e notamos cada vez mais forte com o avançar da investigação concreta, das percepções literárias de outros autores que possuem *backgrounds* diferentes, que acessam e alcançam essas teorias de maneira distintas da nossa, sobretudo por terem problemas notadamente outros, é que não existe uma “receita” montada totalmente à pesquisa, mas que os ingredientes e as proporções médias sabemos como devem ser operados desde que formado nosso cenário de estudo, que gerou o quadro teórico apoiado nas organizações.

4. Métodos e Técnicas de Pesquisa em uma Investigação sobre Profissionalização de ONGs

Ao iniciarmos o trabalho, sugerimos que o mesmo problema sociológico se dava no Brasil e em Portugal, ainda que de maneiras e escalas distintas. Todavia, se indicamo-nos a uma análise conjunta entre os dois países, devemos admitir que não se trata de uma comparação de pesos iguais, ou melhor, não propomos uma comparação entre as profissionalizações portuguesa e brasileira das ONGs, mesmo porque, se o fizéssemos, tombaríamos a um sério erro de viés, já que as experiências anteriores a esse trabalho foram realizadas dentro e para uma instituição acadêmica brasileira (UFPE) e com considerações contextuais locais. Logo, o que propusemos foi um estudo conjunto, de modo complementar, haja vista que tampouco foi parte dos objetivos desse trabalho a comparação entre o fenômeno estudado no Brasil e em Portugal. Planejamos, a partir das observações nos dois países, perceber elementos que tendiam a se tornar ocultos quando nos centrávamos exclusivamente em realidades locais, como o caso de um recorte espacial que considerasse apenas Brasil, Recife-PE. Em suma, na investigação não há uma comparação entre Brasil e Portugal, mas sim, um estudo com elementos comparativos que nos auxiliaram na percepção de diferentes ângulos das dimensões analíticas estudadas sobre a profissionalização das ONGs.² Desde que imaginado o estudo sob tal recorte, realizamos o doutoramento em uma instituição brasileira – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – sob o regime de co-tutela em uma instituição portuguesa – Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Linha de Pesquisa Sociologia das Organizações e do Trabalho).

4.1. Recorte Espacial e Seleção do Corpus

4.1.1. No caso brasileiro

Como seria inviável lidarmos com esta discussão em todo o Brasil, a investigação teve como primeiro recorte espacial a Região Metropolitana do Recife-PE. Em 2008 realizamos uma pesquisa de mestrado sobre a Missão e a Profissionalização das ONGs. Nesta, optamos por construir o *corpus* da pesquisa com duas ONGs (ONG 1 e ONG 2) que possuíam o mesmo foco de atuação, que tinham missões semelhantes (auxiliavam jovens em situação de vulnerabilidade social) e com complexidades de profissionalização institucional distintas,³ a fim de entendermos como diferentes ONGs lidavam com o mesmo tipo de problema social. Optamos por guiar nosso estudo a partir dessas duas ONGs utilizadas na dissertação de mestrado, realizando uma espécie de releitura do encontrado na dissertação e ampliando o quadro de problematização com diferentes perguntas que foram levadas a campo. Essa medida se apóia, primeiramente, no fato

² Algumas perguntas mais específicas surgem ao caso das ONGs em Portugal, em um contexto europeu que tem o país em crise e que atua a partir de modelos diferentes aos brasileiros quando da percepção de Estado, de Estado de bem estar social. Surgem daí elementos importantes de investigação como as ONGs portuguesas que atuam fora do país (sobretudo em África, América do Sul e América Central), da percepção dos agentes sobre pobreza e miséria, do que entendem e como atuam a partir do que entendem como vulnerabilidade social etc.

³ Consideramos a ONG 01 como uma entidade de pequeno porte, com baixo grau de profissionalização e poucas fontes de financiamento, sustentada, grosso modo, apenas por poucos recursos do governo do Estado de Pernambuco, Brasil. A ONG 02, por sua vez, é aqui considerada como uma ONG de grande porte, com alto grau de profissionalização e que possui diversas fontes de financiamento, nacionais e internacionais.

de que no mestrado investigamos a missão das duas ONGs diante do processo de profissionalização e, embora a missão não seja mais o foco específico destas páginas, ela se coloca como a base para entendermos a flexibilização dos processos de profissionalização, o que nos leva, por conseguinte, ao objetivo de percebermos as consequências de tal processo face à relação entre os três setores. Sendo assim, ganhamos tempo de pesquisa exploratória, não iniciamos do “zero”, pois, já conhecíamos parte significativa das formas de atuação das duas entidades selecionadas. Em segundo plano, temos que já construímos laços sociais nas duas organizações, o que viabilizou o trabalho, a acessibilidade para entrevistas e as permissões para realização do estudo. Estas duas entidades são as primeiras de análise, uma de grande porte, e outra, de pequeno. O principal motivo que nos fez optar por tais organizações é que com elas podemos ver os pontos “extremos” das formas de profissionalização posto que uma delas tem uma complexa profissionalização institucional e, a outra, não apresenta quase nenhum dos aspectos apresentados que delimitam a profissionalização do terceiro setor. Em outras palavras, maximizar as possibilidades do campo de análise nos fez lidar com a realidade de forma alongada e nos auxiliou a pensar, também, nos diversos tamanhos e tipos de ONGs existentes, bem como nos múltiplos impactos que essas causam na realidade social.

4.1.2. No caso português

Se a seleção do *corpus* brasileiro foi cumprida a partir de duas ONGs já investigadas dentro de um campo de debate relativamente conhecido, o campo português foi construído a partir do inédito. Por razões de viabilidade de pesquisa, realizamos um recorte espacial para a seleção das ONGs portuguesas na Região do Minho, Norte do país. No estudo de campo em Portugal, objetivamos selecionar, também, duas ONGs que usamos como elementos investigativos, haja vista que neste não tivemos uma pré-inserção ou qualquer tipo de laço social anterior que agilizasse a observação participante nas entidades, bem como priorizamos trabalhar com um número equiparado de instituições nos dois países. Salientamos ainda que utilizamos apenas duas ONGs portuguesas, e não mais, porque prevíamos encontrar diferenças culturais múltiplas que levassem mais tempo de adaptação e assimilação da realidade para o pesquisador. Caso optássemos por um número maior de entidades, findaríamos nos perdendo em um “emaranhado” de dados, relatos, falas e percepções que, muitas vezes, só são aferidos e articulados cotidianamente no interior das ONGs, sobretudo pela pesquisa participante que costuma levar um tempo maior na pesquisa de campo. Ademais, especialmente ao caso português, soma-se que como nossa formação é brasileira e, embora tenhamos um idioma comum com Portugal, este se posiciona de maneira diferente em cada país, assim como os códigos de socialização mudam entre uma realidade e outra, a criar mais um motivo para termos um *corpus* restrito a duas ONGs e não mais, dando ao trabalho mais tempo de pesquisa de campo de acordo com as novidades que surgiam como elementos comparativos entre as realidades do Recife/Brasil e da zona de Braga/Portugal.

O campo português foi uma base para o entendimento da configuração ampla de profissionalização das ONGs, não foi em si e exclusivamente o tronco do trabalho que aqui segue. A respeito do porte das organizações selecionadas, temos a análise de uma entidade de grande porte e outra de pequeno quando comparadas entre si, assim como no caso brasileiro. Entendemos que as duas organizações portuguesas forneceram subsídios substantivos para melhor situarmos o debate sobre as ONGs. Trouxeram elementos inéditos e confirmaram tendências anunciadas pelas pesquisas nas entidades brasileiras.

E que ONGs pesquisamos? Cumprimos um estudo exploratório a partir da Listagem de ADL (Associações de Desenvolvimento Local) de Braga e Região, na qual constam as localidades e os nomes das ONGs. Com esta lista, localizamos as ONGs que possuíam missões relativamente semelhantes às das ONGs trabalhadas no Brasil (vulnerabilidade social de jovens). Depois, através de eventos em prol do voluntariado e da solidariedade do terceiro setor na região norte de Portugal, que participamos nos anos de 2010 e 2011, pudemos contactar agentes das associações e, pelo critério mencionado de ter no *corpus* organizações que trabalhassem em áreas transversais às organizações no Brasil (na tentativa de “homogeneizar” algumas das temáticas

abordadas nas instituições) e que tivessem modelos aparentemente distintos uma da outra no que se refere ao porte das instituições, selecionamos a ONG 03 e a ONG 04 para estudo.

Haja vista nossas questões de partida, buscamos fazer um recorte do *corpus* de análise das ONGs nos dois países de maneira que nos fosse possível perceber se havia um padrão típico face à profissionalização institucional das entidades. Vale justificar que optamos por trabalhar com ONGs de diferentes complexidades no que se refere à profissionalização porque quisemos analisar os processos de profissionalização na relação entre os três setores, a fim de percebermos até que ponto esta complexidade interferia (ou era interferida), também, na relação que as entidades mantinham com seus financiadores, na definição de suas agendas, etc.

Por fim, cabe-nos mencionar que embora nossa unidade de observação, as quatro ONGs, tenha sido um recorte restrito no tocante ao número de entidades selecionadas, tal recorte nos foi satisfatório a partir do ramo de possibilidades que cada instituição proporcionou, desde a observação participante a entrevistas semi-estruturadas. Contudo, não foi objetivo tornar-nos peritos nas quatro organizações estudadas, mas sim, utilizá-las como meio de análise na problematização das questões de investigação. Cabe ainda elencar alguns dos principais cuidados tomados quando da realização de um estudo com elementos comparativos: consideração de aspectos culturais entre os dois universos (o que tendia a ser mais valorizado em termos de *status*, bens materiais e representações foi visto dentro de cada realidade); posicionamento da língua portuguesa nos dois universos porque, embora tenhamos o mesmo idioma nos dois países, a linguagem enfoca aspectos importantes ao estudo por diferentes representações, no que foi necessário reconhecer os tons de fala concomitantemente ao que fora dito; perceber que as disparidades entre ONGs de pequeno e grande portes, numa primeira instância, são dadas em um ou outro universo de ONGs haja vista os históricos do terceiro setor apresentados de cada país. Em termos gerais, nosso estudo não analisa as diferenças entre ONGs portuguesas e brasileiras; o que ele enfoca são realidades de quatro ONGs, presentes no Brasil e em Portugal. Ainda que tivéssemos focado o trabalho em um ou outro país, não diria ele respeito à realidade do terceiro setor de um país posto que a investigação qualitativa que aqui segue representa unicamente as quatro entidades analisadas, estando elas inseridas nas realidades brasileira e portuguesa, trazendo subsídios e questões pertinentes a uma suposta análise macro do universo de ONGs.

4.2. Instrumentos de recolha e tratamento de Informações

Se sob uma perspectiva ampla optamos por realizar uma investigação de foro qualitativo, em uma dimensão mais restrita, adotamos a análise de conteúdo como técnica de tratamento de informação, apoiados, essencialmente, em Bardin (1977) a partir de sua caracterização mais geral, sistemática, que pode trabalhar com uma quantidade variada de materiais e que tem foco centrado no objeto que é o conteúdo a ser analisado (manifesto ou latente). Seus procedimentos principais são a codificação, a categorização e as inferências.

A primeira fase diz respeito à operacionalização do material a ser estudado e à sistematização das ideias. Seus principais passos são: a leitura exploratória; a escolha dos documentos; a preparação do material; a referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores. Em nossa pesquisa, essa primeira fase ocorre em duas instâncias, uma, a ser apresentada ao leitor ao longo da abordagem das ONGs com as quais trabalhamos em campo e, outra, mais em “bastidores”, que é a fase inicial da pesquisa antes mesmo da organização do material a ser tratado, ou seja, antes da análise de conteúdo em si. Logo, em um primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica dos estudos sobre terceiro setor, em especial de títulos referentes à fundamentação teórica da presente investigação. A partir de um critério de divisão temática, os textos lidos e suas devidas problematizações foram anotados e agrupados de acordo com tópicos pertinentes às ideias apresentadas ao longo do presente trabalho. Desta maneira, sistematizamos as leituras em fichas especiais contendo títulos tais como: sociologia das organizações, sociologia das profissões, autonomia, profissionalização e especialização nessas organizações e outras entradas relativas ao objeto de estudo. Tivemos subsídios teóricos e metodológicos, por exemplo, para avançar na seleção dos documentos que foram analisados nas instituições e realizar os métodos e técnicas de pesquisa a partir de uma análise temática dentro da análise de conteúdo mais geral.

A segunda fase proposta por Bardin, de exploração do material, envolveu a análise de unidades de registros e unidades de contextos. Sobre os instrumentos de recolha e tratamento das informações, o presente trabalho foi praticado, fundamentalmente, com os recursos das observações participante e direta; entrevistas semi-estruturadas e análise documental.

Consoante a este levantamento de informações por observação participante, estivemos presente nas ONGs brasileiras no período de agosto a novembro de 2008, desenvolvendo atividades em grupos de trabalho com jovens, supervisionando-os em atividades de recreação, reforço escolar, auxílio na alimentação das crianças em idade de creche, dentre outras atividades, muitas, particulares a cada uma das instituições trabalhadas. O mesmo deu-se em Portugal, no período de maio de 2011 a fevereiro de 2012. Nas instituições portuguesas realizamos observação participante e observação direta, isto é, à primeira, compartilhamos especificamente de um projeto em um bairro social que consistia em despertar no início da manhã crianças da comunidade cigana para que fossem à escola, o que permitia-nos interagir não apenas com os jovens, mas com os demais agentes que estavam no projeto. Depois, em observação direta, participamos de alguns eventos relacionados aos jovens e a algumas formações, nos liceus da região (Braga e Barcelos), destinadas à prevenção do tráfico de seres humanos. Neste passo, elaboramos um diário de campo que tinha como entradas os objetivos específicos da investigação.

Com este início de trabalho de campo, por observações direta e participante, pudemos elaborar questões mais relacionadas às realidades das ONGs, bem como ter melhor acesso aos agentes para passar à etapa do levantamento de informações por entrevistas semi-estruturadas, 37 ao total.

Ainda como ferramenta de levantamento de informações, desenvolvemos uma análise documental, que é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior a consulta e a referenciação” (Bardin, 1977: 45). A análise documental está contida na análise de conteúdo, nomeadamente no processo de codificação das fontes financiadoras das ONGs. Sendo assim, a pesquisa contou com o exame de documentos das instituições, tais como relatórios de atividades, pautas de reuniões, objetivos buscados e/ou alcançados pelas organizações. A análise documental também foi guiada por matérias de jornais, revistas ou demais fontes publicadas sobre as instituições. Tão logo, foram aproveitados textos produzidos pelos agentes e que são utilizados por eles com objetivos didáticos dentre outros fins. Esse tipo de material pode ser encontrado nas ONGs e muitas vezes em sites, livros e cartilhas informativas.

Após estes passos, procedemos à categorização dos dados, no que montamos um “diário de análise” que consiste em, depois de transcritas as entrevistas, categorizá-las e acrescentá-las destes achados de campo (nomeadamente ao que se refere às observações participante e direta) a partir dos objetivos específicos da investigação para análise temática. Este diário de análise nada mais é que um resultado de síntese por áreas de abordagem das entrevistas e diários de campo. Tivemos um total de quatro diários de análise, um por entidade. Como dificuldade adiantamos que, no momento de categorização das falas e percepções, algumas entradas eram relacionadas a mais de uma categoria quando, por exemplo, uma intervenção dizia respeito aos processos de autonomia da entidade refletidos pela relação Estado-ONGs. Neste caso do exemplo, optamos por repetir as categorizações (com devida sinalização) nas entradas relativas à 1. Autonomia, e 2. Relação Estado-ONGs, para que não perdêssemos a articulação entre fenômenos importantes na análise da pergunta de partida da pesquisa sobre a profissionalização institucional.

Os “diários de análise” que montamos são relacionados à terceira e última fase de Bardin, que dizem respeito ao tratamento dos resultados, a inferência e à interpretação. Inicialmente, realizamos uma pré-organização dos dados obtidos, a descrever o que foi encontrado aos objetivos que engendraram o trabalho, bem como os pontos de encontro de dados atinentes a mais de um objetivo específico. A partir da formação desse cenário, a inferência e a interpretação dos dados deu-se por países. Buscamos com estes dados em mãos não apenas responder aos objetivos da investigação e localizar as pistas para a compreensão de diferentes realidades, mas também ter ciência de que tratamos, com quatro ONGs diferentes, de unidades de observação distintas e que embora as justificativas de seleção do *corpus* tenham nos auxiliado substancialmente no tratamento dos aspectos comuns às entidades, as diferenças entre as quatro organizações dão fôlego à investigação e subsidiam a leitura de um terceiro setor heterogêneo.

5. Resultados alcançados a partir da metodologia aplicada

A maneira como empreendemos a aplicação da metodologia de trabalho, bem como os métodos e técnicas dos quais nos utilizamos a partir do paradigma qualitativo de análise, nos subsidiaram na operacionalização da pesquisa empírica e da pesquisa teórica, propriamente. O recorte adotado respondeu à questão de partida da investigação e serviu-nos de modelo para demais análises referentes ao campo de terceiro setor. Grosso modo, apontamos os principais achados de campo provenientes de tal exercício metodológico.

A pertinência de nossa investigação a partir do objeto de estudo das ONGs recaiu sobre o fato do terceiro setor ser reconhecidamente entendido como uma realidade atual, concreta e em transformação. Logo sendo, quais as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional? As consequências são que com as atuais demandas, cada vez mais similares aos modelos de mercado, as instituições que não se adéquam a um cumprimento que articule minimamente as dimensões analíticas de que tratamos ao longo desta investigação, esmaecem e/ou ficam à mercê de mecanismos paralelos. Tais mecanismos, em vez de resolverem parte do problema social (da Missão) a que se propõem, findam por criar outros problemas igualmente sociais, aparentemente fora do terceiro setor, como a questão do emprego dos agentes que ficam instáveis mediante os problemas de financiamento. Isto que reflete, por suposto, no cumprimento da Missão ao mesmo passo em que a exigência de profissionalização do sistema cria problemas que só podem ser resolvidos com mais profissionalização e burocratização. Tal consequência, disposta a um efeito dominó, chega às pedras de que grande parte das ONGs atingida por esta lógica, em vez de dedicarem-se aos problemas originais que lhes dão sentido, findam por dedicarem-se abundantemente aos problemas de sustentabilidade financeira, a criar nos agentes uma nuvem de insegurança às perspectivas de trabalho individuais em vez de ali enxergarem um apoio institucional por um sistema que tenderia a ser racionalmente coerente com a realidade de expansão do terceiro setor. Ou seja, a profissionalização, ainda que portadora de méritos organizacionais, não consegue dar conta dos problemas que ela mesma traz face ao crescimento do número de organizações. Cria problemas que ela mesma não pode resolver no enquadramento em que se coloca.

Por fim, detectamos na unanimidade das 34 entrevistas analisadas um pessimismo coletivo dos agentes com relação ao futuro das organizações, o que notadamente saltou-se quando posta a última questão sobre como enxergavam o futuro da organização de que faziam parte. Isso traz uma contradição atual do terceiro setor que, ao mesmo tempo em que propõe motivações aos problemas sociais diversos cobertos por suas missões, tem uma agência que, embora empenhada, está desmotivada e desestimulada, sobretudo porque os aspectos das vidas pessoais destes indivíduos ficam igualmente vulneráveis face às incertezas do Setor. Percebemos, pois, uma agência frágil relativamente ao processo amplo de profissionalização institucional, ainda quando envolvida em processos de emponderamento pessoal acadêmico. Perceber tais conclusões pareceu-nos importante, mas a relevância do que versamos está no processo que sustenta e gera este trabalho, que questiona a maneira como tem se dado e renovado o atual processo de profissionalização institucional, carente de uma regulamentação prática e embutida às reflexões que alimentem não apenas a manutenção de um sistema de terceiro setor, mas a coerência entre este e os que dele fazem parte.

6. Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence (1977) *A análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70.

BERNOUX, Philippe (1998) *A sociologia das organizações*. Porto: Rés.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de (1999) "Preservar a identidade e buscar padrões de eficiência: questões complementares ou contraditórias na atualidade das Organizações Não-Governamentais? *Revista do GENEIT/PPGA/UFRGS*. 24p.

COSTA, José Ricardo Ferreira da (2004) *Sociedade Civil, Humanitarismo e Utilitarismo: um estudo empírico sobre os padrões de solidariedade das ONGs da RMR*. Dissertação de Mestrado: Recife / UFPE.

FALCONER, Andres Pablo (1999) *A Promessa do Terceiro Setor: Um estudo sobre a construção do papel das Organizações Sem Fins Lucrativos e do seu campo de gestão*. Dissertação de Mestrado em Administração: São Paulo, USP.

FERNANDES, R.C. (1997). "O que é o Terceiro Setor?" em: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org). *3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HADDAD, Soraia. (2002). *A profissionalização chega às Organizações Sociais*. Gazeta Mercantil.

HILL, Walter e EGAN, Douglas (1967) *Readings in organization theory: A behavioral approach*. Boston: Allyn and Bacon.

KRIEGER, Mario (2001) *Sociología de las organizaciones: una introducción al comportamiento organizacional*. Buenos Aires: Prentice Hall.

LAKATOS, Eva Maria (1987). *Sociologia Geral* (5º ed). São Paulo: Atlas.

LANDIM, Leilah (1993) *A invenção das ONGs*. Tese de doutorado. Disponível em: <http://www.setor3.com.br/senac2/calandra.nsf/0/08256B5A0062F99E83256AA400607625?OpenDocument&pub=T&proj=Setor3&sec=Pesquisas>.

_____ (2002) "É o momento de pensar na desconstrução do nome ONG". *Revista do Terceiro Setor*.

LIMA, Vilma Soares de (2003) *Dádiva e voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer*. Dissertação de Mestrado: Recife, Programa de Pós-Graduação em Sociologia / UFPE.

MONTAÑO, Carlos (2002) *Terceiro Setor e a questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez.

PARENTE, Cristina (2011) "Responsabilidade Social no Terceiro Setor: do ideário às práticas de gestão de pessoas" em: COSTA, A (et al) *Responsabilidade Social: uma visão iberoamericana*. Porto: Afrontamento.

REGO, Raquel (2007) *Dirigentes associativos: envolvimento e profissionalização*. Tese de Doutorado: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Departamento de Sociologia / Université de Sciences et de Technologies de Lille.

SORJ, Bila (2000) "Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – RBCS, Vol. 15, Nº. 43.

Autora.

Marina Félix de Melo

Núcleo de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Tiradentes, Brasil.

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), em regime do co-tutela com a Universidade do Minho (Portugal). Professora Titular I do Núcleo de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Tiradentes (FITS). Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, Brasil. Pesquisadora colaboradora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa (ITP).

E-mail: melomarina@msn.com

Citado.

FÉLIX DE MELO, Marina (2014) "Metodología científica e métodos e técnicas de pesquisa na sociologia: modelos de construção em estudo sobre ONGs". *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*. N°7. Año 4. Abril-Septiembre 2014. Argentina. Estudios Sociológicos Editora. ISSN 1853-6190. Pp. 43-56. Disponible en: <http://www.relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/87>

Plazos.

Recibido: 19 / 07 / 2013. Aceptado: 24 / 03 / 2014.